

PSICANALISTA E PACIENTE SONHAM, MAS NEM TUDO É "SONHO"

Roosevelt M. S. Cassorla¹

.1.

O analista está esperando seu paciente. Sente-se cansado. Está sentado em sua cadeira, olhando o divã vazio. Já passou da hora, o paciente não costuma atrasar. O analista divaga. Lembra-se da esposa do paciente. A depressão dela parece ser bastante grave. O paciente está engolfado por ela, tem sofrido muito e se sente importante. Isto já vem há três meses, e o analista sente-se também incapaz, o seu trabalho como que sendo bloqueado pela realidade externa. Vem à sua mente um sonho, sonhado nessa noite. Nele, o analista estava num nível superior e via uma cena embaixo. Uma linda jovem, que ele sabia ser a morte, tentava seduzir um homem, desconhecido. O homem queria resistir. Mas ela o conquistava, aos poucos, e tanto o observador como o homem sabiam que nada impediria que este a acompanhasse. De repente, surge outra mulher, mais madura, agarra o homem e o puxa para si. Sabe-se que essa mulher quer salvar o homem da morte. Este se torna objeto de disputa: no entanto, sente-se mais atraído pela jovem, ainda que saiba que não deve ceder. O analista acordou e se esqueceu do sonho. Lembrou-se dele agora. Percebe que agora está olhando para o divã, de cima, como na cena do sonho.

O analista fica surpreso e curioso. Não está mais cansado e quer desvendar o mistério. Efetua instantaneamente a hipótese que o "sonho" começara ao lembrar-se da esposa do paciente e aceita que

(1) Membro Efetivo da Soc. Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Professor-Titular da UNICAMP.

quando olhou para o divã e verificou sua visão, de cima, isso também era uma associação. Tenta manter sua mente livre. A imagem seguinte é do paciente morto, no divã, seguida da do analista morto, na sua cadeira. As duas cenas oscilam rapidamente e, de repente, se confundem. Nesse momento a imagem fica estática: ambos estão mortos.

A cena é insuportável e o analista olha de novo para o relógio. Nesse momento, ouve a porta se abrindo e o paciente entra. Está abatido e o analista volta a sentir-se cansado. Ouvem-se as mesmas frases das últimas sessões. A esposa do paciente está na cama, não come e quase não fala. Tentou falar com a analista dela, mas esta não retorna o chamado. E seu psiquiatra pede mais paciência. A fala é angustiante e ao mesmo tempo monótona. O analista fica com sono, ouve, divaga e olha para o espaço. “Vê” o ar tomado de poeira, pó de morte.

.2.

O analista está de novo esperando seu paciente. Olha para o espaço e já antecipa sua visão, do pó. Desta vez vem com um cheiro de morte. Antes sentira um perfume, que lhe lembrou a analista da esposa do paciente. A colega perdera uma pessoa querida há algumas semanas. O analista percebe que a morte insiste, pedindo decifração. O profissional se surpreende perguntando-se se a capacidade analítica da colega está mantida. A seguir, indaga-se se não estaria projetando sua própria incapacidade. Sente-se confuso e se questiona: “quais são meus mortos, os do paciente, os da esposa, os da sua analista, os de...?”

A seguir, o analista se lembra dos colegas do Sedes e das atividades que efetuou com eles. E vem uma imagem de muita vida. De gente lutando por ela, contra a morte. Ficou muito grato por sentir-se estimulado a pensar. Foi lá que lhe ficaram mais claras suas especulações: “As pessoas têm filhos porque morrem. Se não morressem não precisariam. Ou, as pessoas são criativas porque morrem. Ou, se não se morresse, talvez não houvesse necessidade de pensar. Ou, agora retomando a teoria – o pensamento se desenvolve a partir da relação continente-contido, que metaboliza os terrores da morte. Ou ...” até se chegar a todas as teorias psicanalíticas do pensamento.

Vem à sua mente a palestra que fez sobre Édipo. Se a Esfinge não o ameaça de morte, ele não pode usar sua capacidade de usar

pensamentos. É necessário uma mãe mortífera, que dificulta o desprendimento, para que se possa pensar. Mas, para que isso ocorra, há que ter introjetado também uma mãe boa, que possibilite que o bebê se despenda dela mesma. Uma mãe que contenha o pai. Figura combinada terrorífica e, ao mesmo tempo, protetora, estimuladora da criatividade. A Esfinge, mãe e figura combinada, se mata, porque não é mais necessária, liberando o filho para a vida autônoma. Mas, a fantasia da fusão com a mãe é sedutora. Repeti-la com Jocasta é deixar-se tomar por saudades da indiscriminação. E, para isso, há que matar o pai.

O paciente chega e o analista vê Édipo. E se vê como Laio, e também como Édipo. Depois vê a Esfinge. Outras figuras do mito vão surgindo e se confundindo. Quando o paciente se deita, o analista diz a si mesmo: "pára: esvazia a cabeça e deixa entrar o que vier".

E vem um sonho do paciente: eram caixões e velórios. Era uma festa de casamento. Os mortos esperavam na fila para serem enterrados. Haveria também uma fila de noivos, um casamento coletivo? A mãe pisca para o pai "nojenta, não respeita os mortos". O pai é seduzido e o filho se sente excluído, com ódio mortal. Associa com a esposa, morrendo, mas corrige: sabe que uma depressão não mata.

O analista percebe a atração por um casamento sedutor com a morte. E fala como supõe que o paciente o sente. A análise poderá morrer, ele excluído, se o analista não puder suportar a sedução sexual perversa da morte, transmutada em depressão, abandono e traição, que quer seduzir ambos. O paciente ouve e chora. Pede que o analista não desista. Este percebe que ele captou um aspecto do profissional que poderia desistir, já seduzido. Seu pedido o faz reviver...

.3.

O analista não precisa esperar, o paciente chega adiantado. Está transtornado. Levou a esposa a um médico clínico e acharam uma pneumonia. Pediu exame para AIDS. O médico é louco. É claro que não iria fazer o exame, mas só descobriu depois que voltou do laboratório.

O analista fica indignado com o médico e tem que conter-se para não dar sua opinião. Pensa que qualquer um perceberia que a pneumonia está associada à depressão. O exame de AIDS é mais uma sobrecarga desnecessária para todos.

.4.

O analista sonha com a peste. Era em Tebas. Todos morriam, ele também iria morrer. É necessário ter relações sexuais com a morte, uma linda jovem sedutora. É uma ordália. Se ele se apaixonar por ela, ele morre. Se ela se apaixonar, no entanto, a jovem morre, a vida vence e a peste acaba. Quando acorda associa com seu texto sobre Édipo: a peste representa a incapacidade de pensar pensamentos, os objetos bizarros, a morte da mente. O povo representa os conteúdos internos do rei, do ser humano, incapaz de resistir aos ataques destrutivos. E esses ataques são conseqüentes ao incesto e ao parricídio. Ou antes, à impossibilidade de admitir que o casal parental existe e se é excluído.

De repente, o analista lembra-se do paciente e de sua esposa. Tem um calafrio. A seguir, faz uma série de teorias sobre o caso e sobre si mesmo, todas ligando aspectos edípicos a fantasias de morte. Quando se dá conta, percebe que tudo está muito teórico, e conclui que fugiu de alguma coisa. Mas agora não há tempo para pensar nisso. Há que sair da cama para tentar conhecer mais, com outros pacientes.

.5.

No caminho do consultório o analista cruza com um ex-paciente. Lembra-se do dia da morte do pai do paciente, no início da análise. Ele passara a noite tendo relações sexuais, enquanto seu pai era velado. O incesto é como que atuado, mas, mais que isso, ante a visão da morte e da culpa insuportável, há que reagir maniacamente, procurando desesperadamente sinais de vida.

.6.

O paciente entra e o analista sente que a morte, agora sim, chegou de verdade. Ele diz que a esposa está com AIDS. Com pouco tempo de vida, é possível até que morra nas próximas horas.

O analista sente-se tonto, fraco. Lembra-se da primeira vez que doou sangue e quase desmaiou. Posteriormente associará a catástrofe com objetos vampirizantes internos que o culpam e o esvaziam,

retaliatoriamente, dos conteúdos internos, que se acusa de não ter sabido usar.

Quando se recompõe, percebe seu paciente-parceiro, pensando criativamente. Agora há que cuidar da esposa. Depois, vamos cuidar dele e de nós. Mas, o analista se sente cuidado pelo paciente. De onde sai tanta força, se pergunta. E conclui que ambos se gostam, se cuidam, querem manter a vida.

.7.

O paciente entra. Acabou de vir do enterro da esposa. Chora e diz ao analista que agora ele precisa ser ajudado a morrer, em paz. Não quer fazer exame, mas está certo de que deve estar contaminado. Conta que sempre soube que ela usara drogas, antes de se conhecerem, mas nunca lhe passou pela cabeça que poderia ter AIDS. Emociona-se ao perceber como, com o casamento, ela reagiu e passou a sentir-se feliz. Até essa depressão, que, na verdade, era também ou só AIDS.

Nesse momento o analista se lembra. Sim, o paciente havia falado sobre o uso de drogas da esposa, na primeira entrevista. Nunca mais tocou no assunto, e o analista havia se esquecido.

.8.

O analista sabe que sonhou com algo ligado a fazer “vista grossa”. Seu olhar não quer ver o sonho, esquecido. Resolve escrever e sai o que está acima. Misturou propositalmente coisas e tempos, como ocorre nos sonhos, para dificultar que os leitores não vejam demais e alguns possam “fazer vista grossa”. Dessa forma protege os olhos, as pessoas e mantém a ética.

Resume, para si mesmo. Todos tinham “fechado os olhos” para a realidade, uns mais, outros menos. A atração sedutora da morte, o vaticínio oracular, a peste, todos se realizaram ou quase. Mas, o analista: cegou-se, foi cegado (o que dá no mesmo), ou não tinha como ver? Opta, reticente, pela última hipótese. Mas não fica satisfeito. Pensa o porquê dessa insatisfação e lembra-se dos sonhos.

9.

O analista revê seus sonhos, os sonhos do paciente, os sonhos sonhados pela dupla analítica. E conclui que eles eram indicativos de que ambos, de alguma forma, sabiam o que estava ocorrendo. Sabiam que “estavam fazendo vista grossa”, sabiam que estavam fugindo de algo, mas não sabiam exatamente do quê. Agora tudo fica mais claro. A morte, a peste, Édipo, a esfinge, a sedução, o sexo, o parricídio e o filicídio, a morte da análise, os enigmas, as teorias do pensamento, a luta vida x morte, a fusão com mãe mortífera, a força de vida dos colegas do Sedes, a necessidade constante de tentar juntar peças de um quebra-cabeça em que algumas peças se escondem.

O analista pensa no “sonho” de Édipo e como ele, ao lutar para que não se cumprisse, acaba por realizá-lo. E reflete: existem sonhos que têm que ser realizados, por mais que se fuja deles. Os deuses inconscientes nos envolvem e somos apenas mortais, a psicanálise, sendo também um produto humano, não onipotente nem onisciente. O lidar com nossa mortalidade nos aterroriza ou nos permite pensar. Certamente, as duas coisas, mas só contendo o terror com a capacidade de pensar, o tornamos suportável.